

## **CLUSTERS: UMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO PARA OS MUNICÍPIOS CATARINENSES**

**Ivo Marcos Theis<sup>1</sup>, Rafael Ricardo Jacomossi<sup>2</sup>**

*<sup>1</sup>Economista e doutor em geografia pela Universität Tübingen [Alemanha], professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Regional de Blumenau – atualmente, realizando estágio de pós-doutoramento na Universidade Estadual de Campinas [Email: theis@ige.unicamp.br]*

*<sup>2</sup>Economista, bacharel em administração de empresas e mestrando em desenvolvimento regional pela FURB - Universidade Regional de Blumenau. rafael.jacomossi@terra.com.br*

### **Resumo**

Este trabalho tem como proposta analisar a importância dos clusters para o processo de desenvolvimento econômico de uma região, dando ênfase à capacidade da mesma em gerar riqueza e se inserir no cenário da globalização. Aqui, é dado destaque aos impactos que os clusters exercem sobre a economia catarinense. O objetivo geral é demonstrar que a existência de clusters impacta diretamente na preponderância financeira de um município. Os objetivos específicos pretendem dar conta de: a) identificar municípios de Santa Catarina que hospedam clusters; b) identificar diversidades de clusters nos respectivos municípios; c) analisar o impacto dos clusters na geração de riqueza e emprego dos municípios; d) comparar o desempenho econômico entre municípios que hospedam e que não hospedam clusters em seu território. Entre os métodos de procedimentos utilizados neste trabalho estão o levantamento bibliográfico sobre a temática dos clusters, materiais em revistas e dados estatísticos. As técnicas utilizadas foram a revisão bibliográfica e a pesquisa quantitativa. O universo da pesquisa abrange o sistema produtivo catarinense. É evidenciado que existem dentre os 293 municípios de Santa Catarina, 57 que hospedam clusters, além de que existem alguns que possuem uma diversidade dos mesmos em seus territórios. Contudo, a conclusão que se chega, é que os mesmos representam um elemento importante para o processo de geração de riqueza dos municípios. Entretanto, pode-se ainda diferenciar entre os municípios que hospedam clusters, os que apresentam uma diversidade dos mesmos, tendo como resultado um destaque no seu desempenho econômico, gerando efeitos positivos sobre o território, caracterizando essas como regiões ganhadoras.

**Palavras-chave:** Clusters; desenvolvimento regional; regiões ganhadoras.

### **1 Introdução**

Em uma economia brasileira cada vez mais inserida em um cenário globalizado, toma conta do debate sobre o desenvolvimento econômico a importância dos clusters para a geração de riqueza de uma região. Remetendo-se a questão regional, Siedenberg (2006, p.72) menciona que a mesma estabelece mudanças sociais e econômicas que ocorrem num determinado espaço, porém é necessário considerar que a abrangência dessas mudanças vai além desses aspectos, estabelecendo uma série de inter-relações com outros elementos e estruturas presentes na região considerada, configurando um complexo sistema de interações e abordagens.

Em razão de uma maior inserção da economia brasileira na economia globalizada e da decorrência da adoção de políticas macroeconômicas de corte neoliberal (GONÇALVES, 1999; TEIXEIRA, 1996 apud THEIS, 2005), teve lugar um claro processo de reestruturação produtiva no país desde a primeira metade dos anos de 1990 (THEIS, 2005). “Nesse contexto, a economia catarinense também foi alcançada pela reestruturação da produção, sobretudo nos gêneros da indústria e nas microregiões mais fortemente integrados ao velho modelo fordista periférico” (THEIS, 2005, p. 122).

A internacionalização da economia mundial estabelece-se a partir do senso comum que cada vez mais as firmas não irão depender de fatores locais para gerarem vantagens competitivas em seu negócio. Entretanto, forma-se um paradoxo quando analisa-se grupos de empresas de mesmos setores concentradas em uma mesma área geográfica que, conseguem abstrair vantagens dessa proximidade, e com isso, tornar seus negócios mais competitivos e reforçando a contradição, se inserindo cada vez mais no mercado mundial.

Assim, reacende-se o debate sobre a importância dos clusters para a revigoração ou manutenção da situação econômica de uma região, sendo que para Porter (1999), esta é uma característica marcante de praticamente todas as economias, principalmente nos países desenvolvidos. Os exemplos mais famosos de clusters, talvez sejam o Vale do Silício e Hollywood, ambos na Califórnia. Em Santa Catarina, temos o cluster formado em torno da indústria têxtil e do pólo de softwares, ambos da micro-região de Blumenau, ou o cluster da indústria metal-mecânica de Joinville.

Neste artigo, se explora a questão da importância da existência de clusters para o desenvolvimento econômico de Santa Catarina, abordando: Como os mesmos estão distribuídos espacialmente? Qual o impacto dos mesmos nas economias dos municípios? Em quais municípios há maior concentração desses? Parte-se da hipótese que a capacidade de um município gerar riqueza está diretamente associada à existência de diversificação de clusters em seu território. Assim, o objetivo central do artigo é identificar os municípios catarinenses que possuem em seus territórios clusters e qual o impacto destes nas respectivas economias, bem como analisar e comparar o desempenho desses municípios em termos de PIB com municípios que não possuem existência de clusters.

Para vencer este propósito, o artigo se divide em quatro seções: a primeira corresponde a esta introdução; a segunda diz respeito aos principais conceitos utilizados e métodos empregados; a terceira apresenta quadros de identificação de clusters em Santa Catarina, com números de clusters por município, representatividade do mesmo no PIB do estado e o potencial de geração de emprego nesses municípios; e por fim a quarta seção, dedicada às considerações finais.

## **2 Pressupostos conceituais e procedimentos metodológicos**

Nos escritos Marshallianos de 1870, se encontram algumas afirmações que esclarecem a posição do autor, distinta da maioria dos economistas, sobre alguns temas cruciais da teoria da produção. Marshall, em particular, se opõe ao sistema de concentração Fordista de produção verticalizada. O autor chega à conclusão de que para pelo menos certos tipos de produção, existem dois modos eficientes: o conhecido, baseado em grandes unidades produtivas integradas verticalmente; e o segundo, baseado na concentração de numerosas fábricas de pequenas dimensões,

especializadas em diferentes etapas de um único processo produtivo, em várias localidades de uma região.

Qualquer progresso realizado em termos de miniaturização e de flexibilização das instalações e do equipamento, qualquer avanço no caminho da desmaterialização dos processos de produção, qualquer desenvolvimento da diferenciação e da personalização da demanda em bens finais e intermediários, representa trunfos na formação de novos distritos e a consolidação dos distritos industriais existentes (BECATTINI apud COCCO, 2002, p. 45)

A obra de Marshall sobre os distritos industriais é resultado da organização da atividade industrial das cidades industriais da Inglaterra do final do século XIX, onde afirmava que as atividades de diferentes empresas, não necessariamente do mesmo setor, podem promover, em certos casos, o desenvolvimento de uma região que denominou distrito industrial. Todavia, há de se remeter à importância da noção de território e entender as configurações e reconfigurações do mesmo, ocasionado pelas mudanças econômicas que surgem no seu espaço. A ótica de território para Storper (1997, p.37), define uma atividade sendo territorializada “[...] quando seu desempenho econômico é dependente da localização (dependência de lugar) e quando sua localização é específica [...]”, onde em muitos outros lugares, a atividade não se enraizaria, em virtude de fatores locacionais, como: recursos naturais, recursos humanos e a cultura que permeiam as relações sociais existentes entre essa rede de atores. Ao se falar de espaço, Castells (1983, p. 146), retorna a consideração da cidade, como sendo “[...] a projeção da sociedade no espaço [...], pois é necessário ultrapassar o empirismo da descrição geográfica [...]”. Isso significa em conceber a natureza como sendo condicionada ou moldada pelas ações do “*homem*” no território, sendo alguns impulsionados pela lógica capitalista de aferição de lucros, através da apropriação do “*valor trabalho*”, e outros simplesmente vendendo sua força de trabalho, resultando em interações entre esses atores, formando assim, uma natureza de retroalimentação econômica, política, social e ambiental, produzindo, então, as desigualdades. Segundo Harvey (2004 b, p. 35), o mesmo menciona que: “ Há naturalmente boa parcela de desenvolvimento geográficos desiguais fundados em parte em relações assimétricas de troca no interior dos Estados”. Ou seja, analisar o espaço enquanto representação da estrutura social, significa compreender os elementos do sistema econômico, político e ideológico, bem como as práticas sociais que decorrem dele (CASTELLS, 1983, p. 160).

Isto posto, poderíamos especificar o espaço global como sendo condicionado pelas movimentações sociais decorrentes do processo dinâmico de interações entre os atores que operam nele, produzindo efeitos econômicos, políticos, sociais e ambientais, porém caracterizados por um prisma de velocidade, que gera configurações e desconfigurações nos territórios.

As divisões territoriais e espaciais do trabalho (sendo a distinção entre cidade e campo uma das mais evidentes modalidades iniciais) surgem desses processos interativos de troca no espaço. Assim, a atividade capitalista produz o desenvolvimento geográfico desigual, mesmo na ausência de diferenciação geográfica em termos de dotação de recursos e de possibilidades, fatores que acrescentam seu peso à lógica das diferenciações e especializações espaciais e regionais. (HARVEY, 2004 a, p. 82)

Muitos anos após a morte de Marshall (1924), no final dos anos 60 do século XX, alguns economistas italianos percebem alguns fenômenos curiosos, em certas regiões do

país, com o estilo de produção fordista. As grandes indústrias, públicas e privadas, que operam com grande intensidade de capital e alta tecnologia, mostram sinais de decadência. No mesmo período surgiram grupos de pequenas empresas manufatureiras que proporcionavam o aumento da renda, do emprego e das exportações da região e se apresentavam tecnicamente preparadas para o trabalho que realizavam, contrariando o pensamento econômico predominante.

Para que esse fenômeno de distrito industrial se realize, os habitantes da região devem apresentar características socioculturais que facilitem o processo de desenvolvimento próprio de pequenas empresas. A sincronia entre as empresas e a comunidade local leva à cooperação competitiva, que pode surgir pela troca de comunicações ocorridas na comunidade ou através de decisões coletivas, como: parcerias entre empresas, promoções conjuntas de marketing, canais de comercializações, obtenção de crédito, dentre outros.

Podemos descrever o distrito industrial como um grande complexo produtivo, onde a coordenação das diferentes fases e o controle de regularidade de seu funcionamento não dependem de regras pré-estabelecidas e de mecanismos hierárquicos, mas, ao contrário, são submetidos ao mesmo tempo, ao jogo automático do mercado e a um sistema de sanções sociais aplicados pela comunidade (BECATTINI apud COCCO, 2002, p. 49) .

Para Porter (1999), “ O cluster são agrupamentos de empresas em uma região com sucesso extraordinário em determinado setor de atividade”. Várias economias desenvolvidas do mundo apresentam setores organizados em forma de clusters, sendo os mais famosos talvez, o Vale do Silício e Hollywood, ambos na Califórnia, EUA.

SEBRAE (2004) apresenta clusters como:

Concentrações geográficas de empresas – similares, relacionadas ou complementares – que atuam na mesma cadeia produtiva auferindo vantagens de desempenho por meio da locação e, eventualmente, da especialização. Essas empresas partilham, além da infra-estrutura, o mercado de trabalho especializado e conforntam-se com oportunidades e ameaças comuns (SEBRAE, 2004, p. 25).

O debate acerca da importância dos clusters em uma economia globalizada para o ganho de vantagem competitiva gera um paradoxo, no momento em que se faz importante diversos fatores locais, como: conhecimento, relacionamentos, motivação, com os quais concorrentes geograficamente distantes não conseguem competir. Porter (1999) enfatiza ainda a importância da inovação e o sucesso competitivo em vários setores que estão geograficamente concentrados. Além do fator locacional, faz-se imprescindível a cooperação entre os diversos atores, formando um clima favorável à busca pela inovação constante. Cooke (1997 e 2002) chama a atenção para o fato de que as pequenas empresas reconhecem a importância da integração vertical e horizontal no processo de aprendizado e inovação. Nos níveis regionais, em que há uma estrutura de governança, centros de pesquisa, de financiamento e concentração de empresas, criando-se comunidades econômicas que desenvolvem uma estrutura de transparência e cooperação para acessar os mercados globais.

Dessa forma, os sistemas territoriais de produção animados por um meio, permitem que as pequenas e médias empresas insiram-se no contexto global, a partir de uma base local e de processos endógenos de desenvolvimento. Quando o meio tem a capacidade de inovar, ele colabora na evolução do sistema territorial de produção. O meio inovador é composto por redes de inovação e é caracterizado pela integração das dinâmicas endógenas e de mudanças provenientes do ambiente exterior. Percebe-se que para se inserir em um contexto global, as empresas começam a se unir, em um dado território, passando a cooperar entre si, se fortalecendo e criando corpo para se inserir no contexto global. Quando as empresas agem dessa forma, diz-se que há um desenvolvimento endógeno, que é influenciado pelo meio. A idéia é que exista um desenvolvimento autônomo, pelo reforço das cadeias de valor agregado e das relações entre os atores. (MAILLAT, 2002).

Isto apresentado, cabe apresentar os procedimentos metodológicos que foram utilizados para se chegar nos resultados obtidos que serão apresentados abaixo.

Discute-se muito a importância da existência de clusters para o processo de desenvolvimento econômico de uma região. Todavia, há um viés ao tentar localizar um cluster pela falta de um padrão metodológico de identificação dos mesmos. O SEBRAE ao se deparar com essa dificuldade criou um critério para facilitar essa identificação, a partir de uma análise de um banco de dados sobre estabelecimentos existentes no país: o Cadastro de Estabelecimentos Empregadores (CEE) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). (BEDÊ, 2002)

Para identificar de fato as regiões que potencialmente possam ser caracterizadas como hospedeiras de um cluster, leva-se em consideração o nível de concentração geográfica de empresas do mesmo setor. A partir do CEE/MTE, é possível construir um indicador de especialização econômica, denominado de quociente de localização (QL), que permite identificar, para cada atividade específica, quais os municípios que apresentam uma participação relativa superior à verificada na média do país. (BEDÊ, 2002) O QL é calculado a partir da seguinte fórmula:

$$QL = \frac{\text{Participação relativa da atividade "x" (em número de estabelecimentos) no total de estabelecimentos industriais no município}}{\text{Participação relativa da atividade "x" (em número de estabelecimentos) no total de estabelecimentos industriais no Brasil}}$$

Fonte: SEBRAE (BEDÊ, 2002)

**Figura 1.** Método de Cálculo de Quociente Locacional.

Assim, um  $QL > 1$  significa que a participação relativa da atividade "X" no município analisado é mais elevada do que a participação relativa desta mesma atividade na média do país. Portanto, o município analisado apresenta um certo grau de especialização

nessa atividade, em relação à média do Brasil. Quanto maior o QL de determinada atividade, maior será o grau de especialização do município analisado nesta atividade frente o restante do país. (BEDÊ, 2002).

A partir dos resultados apresentados pelo trabalho do SEBRAE (BEDÊ, 2002), representado através de diversas tabelas, estabeleceu-se um critério de corte das mesmas, isolando-se os municípios de Santa Catarina, independente do setor de atuação. Cabe ressaltar que o presente trabalho teve como objetivo geral mensurar o resultado econômico dos municípios que hospedam clusters e não, analisar cada um dos setores. Outro ponto importante, é que a identificação feita pelo SEBRAE, apresenta um viés quando não contempla alguns setores representativos, como por exemplo: os pólos cristaleiro de Blumenau, carbonífero de Criciúma e outros, já que o critério utilizou como critério de corte a seleção das dez divisões da indústria com maior número de estabelecimentos, que respondem por cerca de 84% dos estabelecimentos no país, e ainda, a seleção das atividades que, no Brasil, possuem mais de 3.000 estabelecimentos. Portanto, alguns setores importantes da economia catarinense, principalmente aqueles que apresentam uma alta concentração de atividades, deixam de ser contempladas. Por outro lado, têm-se condições de identificar e analisar diversos tipos de clusters, principalmente aqueles representados por micro e pequenas empresas, sabendo-se da importância dessas para o processo de desenvolvimento econômico.

### **3 Levantamento de clusters existentes em santa catarina**

Na tabela a seguir, são apresentadas as seguintes informações:

- A primeira coluna apresenta o nome do município identificado como hospedeiro de um cluster;
- A segunda coluna apresenta o número de estabelecimento componentes dos clusters dos respectivos municípios;
- A terceira coluna apresenta a participação porcentual dos estabelecimentos componentes dos clusters em relação ao total de estabelecimentos existentes no município;
- A quarta coluna apresenta o número de empregos formais gerados no interior dos clusters;
- A quinta coluna informa o número de clusters existentes no município;
- A sexta coluna apresenta em valores absolutos o PIB do município em 2005;
- A sétima coluna apresenta a participação porcentual do PIB do município em relação ao PIB total do estado de Santa Catarina em 2005.

II Encontro de Economia Catarinense  
Artigos Científicos  
Área Temática: Desenvolvimento Regional  
24, 25 e 26 de abril de 2008 – Chapecó, SC

**Tabela 1.** Desempenho do pib/2005 em municípios de SC com existência de Clusters.

<b>Município</b>	<b>Nº estabelecimentos</b>	<b>% estabelecimentos do município</b>	<b>nº empregados CLT</b>	<b>nº clusters</b>	<b>PIB em 2005 por município (R\$ mil)</b>	<b>% PIB SC 2005</b>
Apiúna	32	37,7	244	1	123.518	0,14
Araranguá	50	37,4	900	2	624.451	0,73
Ascurra	51	59,8	780	1	65.505	0,08
Bal. Camboriú	330	36,3	1.245	2	1.061.155	1,24
Benedito Novo	72	37,3	1.125	2	99.869	0,12
Biguaçu	30	7,8	214	1	815.709	0,96
Blumenau	1.599	40,4	11.621	8	5.516.256	6,47
Braço do Norte	36	10,2	1.977	1	340.773	0,40
Brusque	969	48,2	3.798	2	1.718.686	2,01
Caçador	103	21,2	2.917	2	1.027.647	1,20
Campo Alegre	43	28,9	795	1	121.679	0,14
Canelinha	119	54,1	620	1	58.896	0,07
Canoinhas	38	10,7	270	1	640.520	0,75
Chapecó	270	20	697	5	2.889.818	3,39
Coronel Freitas	45	40,9	485	1	110.519	0,13
Criciúma	798	35,3	3.519	4	2.160.967	2,53
Curitibanos	73	22,4	1.063	1	383.277	0,45
Florianópolis	945	39,7	2.925	9	6.259.393	7,34
Gaspar	609	49,6	2.611	1	800.949	0,94
Gravatal	57	37	150	1	61.907	0,07
Guabiruba	92	35,8	437	1	174.821	0,20
Guaramirim	103	26,8	947	1	633.351	0,74
Ibirama	106	39,4	667	1	156.816	0,18
Içara	32	6,4	251	1	549.792	0,64
Ilhota	104	48,6	338	2	88.369	0,10
Itajaí	50	4,1	79	1	5.268.999	6,18
Itapema	143	33,5	1.332	1	306.593	0,36
Ituporanga	34	20,9	371	1	249.577	0,29
Jaguaruna	72	35,3	767	2	123.649	0,14
Jaraguá do Sul	507	34,4	8.442	2	3.485.670	4,09
Joinville	841	21,3	2.716	10	9.149.044	10,73
Lages	185	14,9	1.749	2	1.764.700	2,07
Laguna	63	29,5	207	2	294.312	0,35

II Encontro de Economia Catarinense  
Artigos Científicos  
Área Temática: Desenvolvimento Regional  
24, 25 e 26 de abril de 2008 – Chapecó, SC

Continuação...

Município	Nº estabelecimentos	% estabelecimentos do município	nº empregados CLT	nº clusters	PIB em 2005 por município (R\$ mil)	% PIB SC 2005
Laurentino	33	32,4	145	1	77.159	0,09
Mafra	106	21	1.088	2	638.586	0,75
Morro da Fumaça	136	44,5	1.454	2	239.134	0,28
Nova Trento	62	30,9	643	1	102.898	0,12
Nova Veneza	35	16,4	912	1	294.259	0,34
Palhoça	160	20,3	553	3	719.013	0,84
Ponte Serrada	30	27,5	131	1	83.760	0,10
Porto União	31	13,6	476	1	188.653	0,22
Presidente Getúlio	40	27,4	675	1	206.187	0,24
Rio do Sul	280	34,9	1.245	1	959.932	1,13
Rio dos Cedros	34	16,8	541	1	98.448	0,12
Rio Negrinho	221	50,6	2.423	2	471.931	0,55
Rodeio	126	53,4	1.515	2	89.847	0,11
Sangão	113	64,6	965	1	72.501	0,08
São Bento do Sul	256	33,2	7.180	1	1.245.625	1,46
São João Batista	199	55	1.551	1	205.350	0,24
São Joaquim	151	24,8	203	1	170.628	0,20
São José	482	27,3	1.630	8	2.611.099	3,06
São José do Cedro	35	22,9	268	1	153.722	0,18
São Lourenço do Oeste	30	14,7	540	1	333.770	0,39
Sombrio	178	45,7	989	2	205.455	0,24
Taió	42	20,1	243	1	211.147	0,25
Timbó	237	237	2.662	1	632.136	0,74
Tubarão	392	32,8	1.416	4	1.111.494	1,30
<b>57 municípios</b>	<b>12.010</b>		<b>85.707</b>		<b>58.249.921</b>	<b>68,29</b>

Fonte: Elaborada pelo autor, a partir de dados do Sebrae (2002) e IBGE (2005).

O estado de Santa Catarina é composto por 293 municípios, sendo dos quais em 57 registra-se a existência de clusters industriais, ou seja, 19,45% dos municípios apresentam concentração geográfica de empresas do mesmo setor. Algumas cidades possuem diversidade de atividades, enquanto que outras direcionam esforços para poucas ou até mesmo uma única atividade produtiva. Ao analisar a tabela acima no que se refere à participação econômica dos municípios na geração de riqueza do estado de SC, evidencia-se uma certa preponderância de algumas cidades em relação a outras.

As cidades de Blumenau, Joinville, Jaraguá do Sul e Brusque ao norte e Vale do Itajaí, aparecem respectivamente com 6,47, 10,73, 4,09 e 2,01% de PIB, totalizando 23,30% do PIB estadual. No caso de Blumenau, apresenta este município a existência de 8 clusters, sendo: confecção de outras peças do vestuário, peças íntimas do vestuário, fabricação de produtos elaborados de metal, instalações elétricas, fabricação de artefatos diversos de madeira, alvenaria e reboco, impermeabilização e serviços de pintura e fabricação de outros artigos do vestuário produzidos em malharias (BEDÊ, 2002). Há todavia, de se fazer menção ao cluster em volta da indústria têxtil, que representa 33,9 % das empresas sediadas no município e que emprega em 2002 10.909 funcionários diretos, regidos pela CLT, correspondendo a 93,87% dos empregados de todos os clusters desta cidade, sem levar em conta, os trabalhadores informais, que sabe-se ser esta uma realidade nessa conjuntura, principalmente devido aos altos custos dos encargos sociais e trabalhistas. A cidade de Joinville hospeda os clusters de: fabricação de produtos de padaria, fabricação de esquadrias de metal, fabricação de artigos de serralheria, peças íntimas do vestuário, fabricação de produtos diversos, fabricação de outros produtos elaborados de metal, instalações elétricas, esquadrias de madeira e casas pré-fabricadas, alvenaria e reboco e impermeabilização e serviços de pintura em geral (BEDÊ, 2002), representando 21,3% de todas as empresas sediadas nesse município. Embora, os clusters de Joinville apresentem somente 2.716 funcionários, o que é pouco se comparado aos clusters de Blumenau, presume-se que se consegue abstrair muito valor adicionado dessas indústrias, principalmente as do segmento metal-mecânico, que operam com equipamentos de alta tecnologia, apresentando alta produtividade por funcionário. Quanto à cidade de Jaraguá do Sul, a mesma apresenta somente dois clusters (BEDÊ, 2002), sendo um de confecção de outras peças do vestuário, respondendo este por 29,1% das empresas sediadas no município e responsável pela geração de 8.280 empregos regidos pela CLT, e outro de fabricação de produtos de padaria. A cidade de Brusque também apresenta somente dois clusters: ambos ligados à fabricação de peças do vestuário, respondendo por 48,2% das empresas sediadas no município e gerando 3.798 empregos diretos pela CLT. Neste bloco de cidades, pode-se notar uma diversidade de clusters em Blumenau e Joinville, muito provável pelo ambiente favorável que se cria para “fazer negócios” em torno de empresas âncoras, que impulsionam direta e indiretamente a criação e a aproximação de outras empresas ao redor, seja para fornecerem, prestarem serviços, ou simplesmente pelo clima propício para empreender um negócio. Outro fator importante é a própria localização geográfica, devido à proximidade com os portos de Itajaí e São Francisco do Sul, bem como as adjacências com a BR 470 e BR 101, o que facilita o escoamento da produção..

São muitas as diversas causas que levaram à localização de indústrias, mas as principais foram as condições físicas, tais como a natureza do clima e do solo, a existência de minas e pedreiras nas proximidades, ou um fácil acesso por terra ou mar. Assim, as indústrias metalúrgicas situaram-se geralmente perto de minas ou em lugares em que o combustível era barato. (MARSHALL, 1985, p. 232)

Ao observarmos a vocação econômica de Blumenau e Joinville, a primeira na indústria têxtil e a segunda na metal-mecânica, sendo essas atividades herdadas dos imigrantes colonizadores, passando-as de geração em geração, enxerga-se uma certa especialização localizada do trabalho.

São tais as vantagens que as pessoas que seguem uma mesma profissão especializada obtêm de uma vizinhança próxima, que desde que uma indústria escolha uma localidade para se fixar, aí permanece por longo espaço de tempo. Os segredos da profissão deixam de ser segredos, e, por assim dizer, ficam soltos no ar, de modo que as crianças absorvem inconscientemente grande número deles. Aprecia-se devidamente um trabalho bem feito, discutem-se imediatamente os méritos de inventos e melhorias na maquinaria, nos métodos e na organização geral da empresa. Se um lança uma idéia nova, ela é imediatamente adotada por outros, que a combinam com sugestões próprias e assim, essa idéia se torna uma fonte de outras idéias novas. Acabam por surgir, nas proximidades desse local, atividades subsidiárias que fornecem à indústria principal instrumentos e matérias-primas, organizam seu comércio, e por muitos meios, lhe proporcionam economia de material. (MARSHALL, 1985, p. 234)

No planalto norte, destaca-se a cidade de São Bento do Sul, responsável por 1,46% do PIB estadual, concentrando sua atividade econômica em praticamente um único cluster: o de fabricação de móveis de madeira (BEDÊ, 2002), que representa 33,2% das empresas situadas no município e que absorve 1.551 empregos, chamando aqui a atenção para essa concentração em demasia em volta de um único setor, sendo que para Marshall (1985, p. 235), “uma região que possua exclusivamente uma única indústria, caso diminua a procura dos produtos dessa indústria, ou caso haja uma interrupção no fornecimento de matéria-prima, fica exposta a uma grave crise”. É o que se presencia por exemplo, atentando para o fato que uma parte significativa da produção desse cluster têm como destino final o mercado externo. Contudo, o mesmo vêm sofrendo e há de sofrer os impactos negativos das diversas oscilações cambiais, já que vivemos atualmente em um regime de câmbio flutuante, tornando quem dependa exclusivamente desse mercado, extremamente vulnerável e enfraquecido, já que representa uma variável incontrolável à gestão das firmas.

Na região do planalto serrano, destaca-se o município de Lages, representando 2,07% do PIB estadual, representado por dois clusters e empregando diretamente 1.749 pessoas, distribuídas em 185 empresas, correspondendo a 14,9% das empresas daquele município. Os dois setores são os de fabricação de móveis de madeira e desdobramento de madeiras (BEDÊ, 2002).

Na região do meio-oeste, temos a cidade de Chapecó com cinco clusters, dos setores de: fabricação de móveis de madeira, fabricação de produtos de padaria, fabricação de esquadrias de metal, impermeabilização e serviços de pintura em geral e fabricação de outros produtos (BEDÊ, 2002), correspondendo a 270 estabelecimentos, representando 20% dos totais existentes e empregando 697 empregados. Não obstante, deve-se mencionar aqui que a cidade de Chapecó também é uma potência nacional e mundial no que se refere à agroindústria produtora de aves. Entretanto, no que se refere aos critérios adotados por esta pesquisa, este segmento não está contemplado, pois está concentrado nas mãos de duas empresas, sendo relevante para identificação dos clusters neste critério o número de empresas existentes, e não seu tamanho ou faturamento.

No litoral central, temos o município de Itajaí que apresenta um único cluster: o de fabricação de produtos de padaria, representando 4,1% das empresas sediadas no município. Aqui vale destacar a sinergia que existe em volta das atividades pesqueira e portuária, contribuindo para a criação e o desenvolvimento de setores de serviço ao redor.

A capital do estado, Florianópolis, juntamente com o município de São José, são um exemplo de diversidade de atividades produtivas, apresentando os seguintes clusters: edificações, fabricação de produtos de padaria, execução de outros serviços gráficos, confecção de peças interiores do vestuário, fabricação de produtos diversos, instalações elétricas, fabricação de esquadrias de madeira e fabricação de outros produtos alimentícios (BEDÊ, 2002). Já o município de São José, apresenta os clusters de: fabricação de móveis de madeira, fabricação de produtos de padaria, fabricação de artefatos de concreto, execução de outros serviços gráficos, fabricação de esquadrias de metal, fabricação de artigos de serralheria, confecção de peças interiores do vestuário e impermeabilização e serviços de pintura em geral (BEDÊ, 2002). Os dois municípios juntos, são responsáveis por 10,40% do PIB catarinense e empregam 4.555 pessoas. O cluster de Florianópolis corresponde a 39,7% das empresas sediadas nesse município e o de São José a 27,3% do total de empresas lá situadas.

Ao sul do estado, destaca-se as cidades de Tubarão e Criciúma, ambas com quatro clusters cada, sendo a primeira focada nos segmentos de confecção de outras peças do vestuário, fabricação de móveis com predominância de madeira, fabricação de produtos de padaria e confecção de peças interiores do vestuário e a segunda nos de confecção de outras peças do vestuário, confecção de peças interiores do vestuário, fabricação de produtos de padaria e fabricação de outros produtos elaborados de metal (BEDÊ, 2002). As duas cidades representam 3,83% do PIB estadual e empregam 4.935 pessoas, distribuídas em 1.190 empresas.

Portanto, com base nos dados acima, comprova-se a importância da diversidade e da aglomeração industrial para a geração de riqueza dos municípios, sendo que nos de maior representatividade do PIB, pode-se evidenciar a hospedagem diversificada de clusters.

**Tabela 2.** Evolução do PIB 2002-2005 em municípios com e sem existência de Clusters.

	<b>PIB 2002</b>	<b>% PIB total</b>	<b>PIB 2005</b>	<b>% PIB total</b>	<b>Δ% PIB 2002/2005</b>
	<b>(Em R\$ mil)</b>	<b>SC - 2002</b>	<b>(Em R\$ mil)</b>	<b>SC - 2005</b>	
Municípios sem clusters	18.075.753	32,43	27.045.403	31,71	49,62
Municípios com clusters	37.656.110	67,57	58.249.921	68,29	54,69
Total	55.731.863	100	85.295.324	100	53,05

Fonte: Elaborada pelo autor, a partir de dados do IBGE (2002 e 2005).

Ao fazer uma avaliação do desempenho dos dois grupos, percebe-se que nos municípios com clusters há um crescimento maior em relação aos municípios sem clusters entre os períodos de 2002 e 2005, evidenciando empiricamente que a produção de riqueza catarinense esteja concentrada nos 57 municípios com clusters, representando em 2005 68,29% da produção da riqueza catarinense. Por outro lado, com o mesmo índice, aponta-se a existência de desenvolvimento geográfico desigual, representado na

tabela acima pela concentração de riqueza em 57 municípios, ou seja, em apenas 19,45% dos municípios. O desempenho das firmas existentes em clusters pode ser considerada pífia em relação às firmas existentes em municípios sem clusters. Esta situação se deve principalmente a maior vulnerabilidade das indústrias pertencentes a segmentos mais visíveis da economia, que acabam absorvendo o ônus da busca pela competitividade em relação à competição estrangeira. Não obstante, observa-se claramente essa assimetria em relação aos municípios sem clusters, que representam 80,54% do total de municípios existentes no estado, entretanto, respondem por apenas 31,71% do PIB estadual, contribuindo para uma certa formação diferenciada da geografia da produção. “As fortes correntes de desindustrialização e de realocação de atividades produtivas que têm varrido o mundo desde 1965 ilustram a velocidade com que são agora configuradas as diferenciações geográficas da produção e do emprego” (HARVEY, 2004 b, p.112).

Assim, Harvey chama a atenção para o efeito produzido pelo capitalismo nas diferentes escalas do território, principalmente no que tange às relações assimétricas de troca que ocorrem entre os agentes, produzindo então como observado na tabela 2, desenvolvimentos geográficos desiguais.

#### **4 Considerações finais**

Este artigo teve o propósito de analisar a importância da existência de clusters para a geração de riqueza dos municípios de Santa Catarina. É importante avaliar que muitas regiões desenvolvidas passam hoje por dificuldades e regiões que até pouco tempo atrás estavam em dificuldades, gozam períodos de mansidão com sua própria história de desenvolvimento. Assim, o economista inglês Alfred Marshall iniciou as primeiras observações sobre distritos industriais por volta de 1890 na Inglaterra. Remete-se à teoria de que a economia avança em processos cíclicos de altos e baixos, ou que realmente, existe relação entre desenvolvimento econômico e o desenho de como uma sociedade nas suas mais variadas relações sócio-econômicas-culturais são moldadas. Contudo, é necessário que se entenda que o papel das grandes organizações transnacionais continua contribuindo para esse processo de enriquecimento de alta velocidade, mas que por outro lado e mais importante, o papel das micro e pequenas empresas geram concentrações geográficas, muitas delas organizadas em forma de clusters, que contribuem em muito na construção econômica e social de suas regiões, gerando riquezas para as mesmas e representando um importante instrumento democrático em uma economia, que preceitua o livre arbítrio dos cidadãos com relação às suas decisões de compras. Com base nos estudos deste artigo, pode-se destacar os principais pontos:

- a) O estado de Santa Catarina é composto por 293 municípios, sendo dos quais em 57 registra-se a existência de clusters industriais, ou seja, 19,45% dos municípios apresentam concentração geográfica de empresas do mesmo setor;
- b) Algumas cidades hospedam apenas um cluster que as tornam vulneráveis às intempéries econômicas;
- c) Os municípios que hospedam clusters possuem uma vantagem e prosperidade econômica quando comparados com municípios que não os hospedam;
- d) Os municípios de Joinville, Florianópolis e Blumenau são os três mais ricos do estado e são os que possuem maior diversidade de clusters em seus territórios.

Em síntese, pode-se destacar que fatores locacionais como: cultura, valorização da história, o clima favorável aos negócios e recursos naturais, favorecem a hospedagem e criação de clusters, promovendo a criação de vantagens competitivas e a possibilidade de inserção de pequenas e médias empresas na economia global, sendo um ótimo instrumento para análise de políticas públicas de desenvolvimento regional, sob as lentes das potencialidades de cada território, representando uma alternativa para vislumbrar processo de desenvolvimento.

### Referências

- BEDÊ, M. A. **Subsídios para a identificação de clusters no Brasil**. São Paulo: SEBRAE, 2002.
- BENKO, G. & LIPIETZ, A. [org.] **As regiões ganhadoras: distritos e redes – os novos paradigmas da geografia econômica**. Oeiras: Celta, 1994.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- COCCO, G. et al [org.] **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da Terceira Itália**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- COOKE, P. et al. Regional Innovation systems: institutional and organizational dimensions. **Research Policy**, 26, p.475-491, 1997.
- COOKE, P. Regional innovation systems and regional competitiveness. In: GERTLER, M. & WOLFE, D. A. (org.) **Innovation and social learning**. New York: Palgrave Macmillan, 2002b, p. 177-203.
- HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004 a.
- HARVEY, D. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004 b.
- IBGE. Produto interno bruto por municípios de Santa Catarina 2002. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2002/tab01.pdf> acessado em 26/08/07 às 12:04.
- IBGE. Produto interno bruto por municípios de Santa Catarina 2005. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2005/tab01.pdf> acessado em 17/02/08 às 18:30
- IGLIORI, D. C. **Economia dos clusters industriais e desenvolvimento**. São Paulo: FAPESP, 2001.
- MAILLAT, D. Globalização, meio inovador e sistemas territoriais de produção. **Interações**, n. 4, p. 9-16, 2002.
- MARSHALL, A. **Princípio de Economia**. 2ª Ed., São Paulo: Nova Cultural, 1985.

PORTER, M. Clusters e Competitividade. **HSM Management**. Julho-agosto, 1999.

SIEDENBERG, D. R. **Dicionário Desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

STORPER, M. Desenvolvimento territorial na economia global do aprendizado: o desafio dos países em desenvolvimento. In: RIBEIRO, L. C. Q; SANTOS Jr, O. A. S. (org.). **Globalização, fragmentação e reforma urbana. O futuro das cidades brasileiras na crise**. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

THEIS, I. M.; SCHMOELLER, N. L. O “Território” do pequeno capital industrial no sul do Brasil: A distribuição regional das micro e pequenas empresas em Santa Catarina. In: WILHELM, P. P. H.; AMAL, M. (org.) **Arranjos produtivos locais: Estratégias de cooperação e desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 2005.